



O SENTIDO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA ATRAVÉS DA DIALÓGICA ENTRE A UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO E AS ESCOLAS CONCEDENTES

Prof. Dr Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva - Email: paulo.abreu@upe.br

Prof Postdoc Jorge José Araujo da Silva - Email: jasil1@terra.com.br

RESUMO

O sentido em ser professor pode estar direcionado pelos pilares da logoterapia de Frankl (2008), “criação, vivência e atitude”. No Estágio Supervisionado, este sentido se traduz no desenvolvimento da criação, em ser professor pesquisador, nos da vivência em construir habilidades para observar e reger, e a atitude, para mudar práticas engessadas a partir dos movimentos do estágio, compreendendo e contextualizando situações observadas no ambiente escolar. Neste pensamento, parece que presença dos discentes no “laboratório escola”, os direcionam para a vida profissional, habilitando-os a serem professores pesquisadores aplicando seus conhecimentos no percurso escolar. Assim, este trabalho se justifica, por apresentar estudos e pesquisas sobre o Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade de Pernambuco, campi Mata Norte. A metodologia, se ancora na pesquisa qualitativa com os aportes da pesquisa bibliográfica, dando sentido à importância do Estágio na formação do professor de Geografia. Desta forma, esta pesquisa se justifica no direcionar a legitimidade do estágio para o curso de Geografia, no processo formativo dos discentes. Como resultados, através de questionamentos com os alunos estagiários, criamos critérios para outras possíveis orientações direcionadas às visitas ao campo de estágio.

Palavras chave: Estágio Supervisionado, Ensino de Geografia, Pesquisa em Educação Geográfica.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o Estágio Supervisionado na formação do professor de Geografia, nos convida a adentrar nas inquietudes dos discentes, em busca de significados do que é ser professor de Geografia na contemporaneidade; bem como no enquadramento da LDB 9394/96, que oficializa o estágio como componente obrigatório da organização curricular.

As inúmeras inquietudes verbalizadas pelos alunos nas aulas presenciais de estágio advindas das práticas realizadas no ambiente escolar, o professor orientador deve ficar atento aos questionamentos, no sentido de fortalecer a dialógica entre a Universidade e a Escola. Corroborando com este pensamento, Demo (2008, p. 31) “O conhecimento só conhece se for questionador e inovador”. Desta forma, o professor constrói a sua aula.



Assim, este artigo de justifica por apresentar movimentos construtivos, interpretativos e subjetivos pertinente ao alunado de estágio supervisionado no 6º período do curso de Geografia.

Desta forma, este estudo se ancora nas técnicas da pesquisa qualitativa, sob os alicerces da pesquisa bibliográfica e participante, pois. objetiva apontar a importância do Estágio Supervisionado no dar sentido ao estudo e aos caminhos na formação do ser.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAR

O Estágio corresponde a fase em que o discente fortalece a identidade professoral. acompanhada por um orientador, na relação universidade-escola-comunidade.

Segundo Passini, (2007, p. 56) “O Estágio tanto de observação como de participação ou de regência, possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar”. Assim, entende-se que o estágio é um importante instrumento de integração na dialógica entre a Universidade e a escola.

A integração entre a teoria na Universidade e as práticas nas escolas, permeiam a formação docente. Castrogiovanni *at all* (2016, p. 87) nos fala que “Não há prática sem teoria e vice-versa”. Ainda neste pensamento Morin (2010, p. 65) corrobora: “O conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas principalmente pela capacidade de contextualizar e englobar”. Desta forma, é importante na graduação o sujeito aprender a contextualizar e englobar os conhecimentos construídos na sua formação e aplicá-los no ambiente escolar.

Entende-se que o saber acadêmico descontextualizado da realidade das necessidades da escola parece deixar “ocos” na formação docente, tendo como consequência a construção de saberes sem embasamento nas teorias.

Neste pensamento, Morin (2010, p. 36), ainda esclarece: “O conhecimento para ser pertinente deve contextualizar seu objeto”. Assim, é um imperativo da educação a aptidão para contextualizar e para globalizar seu objeto, ou não? Acreditamos que sim, pois, o contextualizar implica globalizar o conhecimento em estudo.

Assim, o Estágio Supervisionado, para os discentes que ainda não labutam no ambiente escolar, é o primeiro contato que o formando tem com o seu possível campo de atividade



profissional, que o direcionará a construções pedagógicas. Nesta linha de pensamento, Paulo Freire (1996, p. 40), pontua: “O professor precisa urgentemente pensar e modificar a sua prática, pois é pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática”. Entende-se que esse movimento não deve ser algo acabado, mas com movimentos de construção/desconstrução, na busca de verdades, mesmo provisórias, através da teoria e da prática.

O ESTÁGIO CURRICULAR EM GEOGRAFIA DIRECIONANDO PRÁTICAS NO ESPAÇO VIVIDO DOS ALUNOS

Nos cursos formadores de professores de Geografia, através das componentes curriculares de Prática pedagógica, Didática e Estágio Supervisionado, pesquisadores da Geografia como Castellar (2005), Castrogiovanni e Silva (2020 a), orientam a construção pedagógica visando o cotidiano dos alunos no espaço vivido, numa relação dialógica entre o empírico dos sujeitos e os conceitos geográficos.

Corroborando com este pensamento, Serpa (2019, p. 9), ao afirmar que na construção dos referenciais de mundo e de lugar, a Fenomenologia, permite o retorno às experiências e práticas espaciais primeiras, com a criação de representações conceituais, imbricado com os movimentos na vida cotidiana. O autor ainda afirma que “A relação entre a Geografia e a Fenomenologia¹ permite entrever uma produção situada do conhecimento geográfico, uma ontologia espacial que enalteça e sublima uma Geografia dos espaços vividos”.

Desta forma, construir aulas através de questionamentos, parece contribuir para o estudo dos espaços vividos, uma vez que através do conhecimento empírico dos alunos, pode-se englobar os conceitos da Geografia e construir o conhecimento geográfico a partir da subjetividade deles.

Prática em campo que embasa o suporte teórico trazido posteriormente pelo professor, a partir da realidade geográfica do vivido pelo discente em seu mundo imediato, torna-se um lastro para futuras comparações dos mundos, quando adulto, a pessoa venha a percorrer.

¹ A descrição fenomenológica é essencial, pois o olhar cotidiano não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo.



Um suporte didático para prática da Geografia é apresentado por Silva (2019), quando relata atividade didática denominada de Letramento Cartográfico, ação geográfica que envolve elementos artísticos como a dança circular, a ciranda, o cantar, o desenho, a pintura e a colagem dos elementos colhidos no local do trabalho. Para produzir uma rosa dos ventos com personalidade do lugar, o que permite ao participante apreender elementos geográficos como, orientação cartográfica, azimute, rumo, paisagem, ritmo e interrelação social.

A Geografia é uma disciplina auxiliar na estruturação da cognição do ser humano, lhes fornece noção de rumo, de orientação, aterramento, visão global e cósmica ao mesmo tempo. É função da Geografia fortificar as relações com a orientação espacial na formação da pessoa em sua vida futura, quando adulta e por conseguinte, fortalecedora de toda sociedade.

Os movimentos no ensinar Geografia no ambiente escolar, parecem requerer o conhecimento, bem como o agir sobre o cotidiano, pois, existem trocas sucessivas de vivências entre a Geografia do professor e a Geografia do aluno. Neste sentido, Castrogiovanni e Silva (2020 b , p. 30) corroboram:

Para que esse processo de aprendizagem se efetue, o contexto é o ponto de partida e de chegada, ou seja, o Espaço Geográfico que cerca ou onde está inserido o aluno deve ser a base para a exemplificação e contextualização dos acontecimentos que não fazem parte da esfera em que o mesmo, em alguns casos, pode não se encontrar.

Assim, o espaço vivido dos discentes é um campo fecundo para os docentes saírem do tradicionalismo de suas aulas, tornando-as não lineares. Nos referimos a linearidade nos baseando na reincidência de aulas no dia a dia através da orientação de manuais pedagógicos, onde o professor se esquivava em ser autor.

Desta maneira, Pimenta e Lima (2011, p.56) entendem o Estágio Supervisionado como: “Ao contrário do que se propugnava, não é uma atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora de práxis docente, entendida como atividade de transformação da realidade”. Portanto, esta transformação parece ocorrer no ambiente escolar, onde o estagiário através do domínio do conhecimento dos conteúdos geográficos, bem como do saber-fazer pedagógico, atua nos movimentos de transformação no ambiente escolar.

A DIALÓGICA ENTRE O PROFESSOR ORIENTADOR E OS DISCENTES

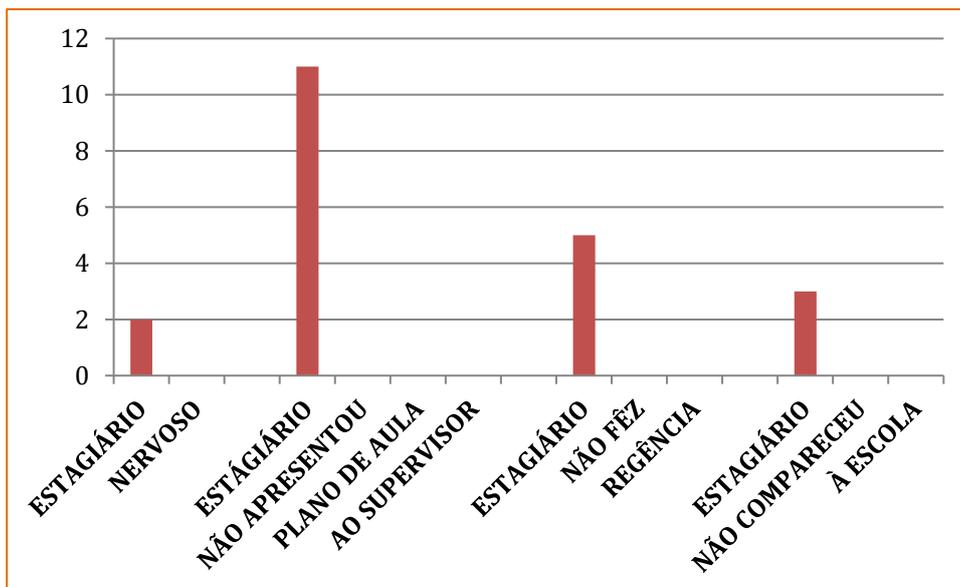
Ao nos reportarmos em vínculos que se institui entre os orientandos, as unidades concedentes e a universidade, faz-se necessário salientar a atuação do professor orientador, uma vez que a ele cabe, essencialmente, o compromisso do acompanhamento e orientação de todo o processo.

Ao desenvolver suas atividades, o professor orientador encontra-se envolvido em uma cadeia de ação, suscitando a prática de atividades que estão para além da sala de aula e, para que essas sejam realizadas a contento, há que se estabelecer uma construção coletiva com professores, coordenadores e gestores das unidades concedentes. O êxito desse projeto, dentre outras premissas, advém de um minucioso planejamento e de seu acompanhamento, por parte do idealizador.

No planejamento do acompanhamento dos estagiários às escolas que recebem os estagiários, visitamos 10 municípios localizados no entorno da Universidade de Pernambuco Mata Norte. Perfazendo o total de 20 escolas e 25 discentes.

Nessas visitas, encontramos uma variedade de situações inusitadas, conforme o gráfico 1, o que apontam para a necessidade de o orientador de estágio acompanhar *in loco*, os movimentos dos estagiários, nas respectivas concedentes.

Gráfico 1 – Movimentos dos Estagiários nas concedentes



Fonte: autores

Desta forma, pode-se constatar:



a) Dois supervisores relataram que seus estagiários apresentaram sintomas de nervosismo, nos movimentos da regência.

Neste processo, entendemos ser natural, pois o ambiente escolar proporciona nervosismo ao iniciante.

b) Alguns supervisores afirmaram não terem recebido os planos de aula.

Indagamos: como o estagiário está regendo sem o plano de regência de aula, que foi combinado com o supervisor?

Responderam: Indicamos no livro didático o que é para ser trabalhado.

OBS: No relatório parcial esses estagiários anexaram os planos.

Verifica-se, através desses questionamentos, a falta de clareza, por parte do professor da concedente, pois parece ludibriar os planejamentos dos orientadores. Essa situação só foi possível de identificação, através das visitas realizadas, portanto, é um indicativo do quão é importante, para o orientador, repensar o seu plano de orientação.

c) Nas visitas, foi constatado que 5 alunos não tinham realizado a regência conforme a Ementa da disciplina.

Indagando aos supervisores, o motivo pelo qual nem todos os alunos praticaram a regência, alguns responderam que os estagiários solicitaram, apenas, a prática da observação, ao que informamos, como professor orientador, que essa ação está incorreta, pois é necessário a realização da regência, conforme a Ementa da Disciplina, e que os alunos tiveram orientações para tal prática. Esses supervisores se dispuseram a contactar os estagiários para os devidos esclarecimentos e correção da atitude erroneamente praticada.

Diante deste contexto, nós orientadores, como responsáveis pelo bom desenvolvimento do projeto, tomamos atitudes mais enérgicas. Afinal, a ética deve, sempre, permear quaisquer atitudes profissionais, principalmente no que se refere à formação do docente que, certamente, se tornará um formador de opinião.

e) Foram constatados o não comparecimento de três estagiários, às escolas, o que resultou na reprovação.

Outro problema encontrado, em decorrência das visitas, foi quanto à formação do professor que leciona Geografia, nas unidades cedentes. No contato que mantivemos com aqueles docentes, pudemos constatar que nem todos eram licenciados em Geografia. Muitos deles eram ainda estudantes de Geografia, outros possuíam formação em História e, até, em Biologia.

Eixo Temático 1



Silva, (2013, p. 26) pontua: “Se o professor com outra formação ensina Geografia e não gosta da disciplina que trabalha, seu aluno também não vai gostar”. Para essa ação, a reação é verdadeira, e quando o estagiário entra em uma sala e encontra movimentos dessa natureza, aparecem revoltas e insatisfações. Para essa relação, Frankl (2008), chama de síndrome da falta de sentido, o que direciona este pensamento a desvalorização da formação, ou não?

CONSIDERAÇÕES NEM TÃO FINAIS

A dialógica entre teoria na Universidade e a prática na concedente, direcionam movimentos construtivos no dar sentido a formação dos licenciandos. esta forma, entende-se que o Estágio não é só teoria, como também não é só prática, mas estão imbricadas uma à outra, pois para esta dialógica é necessário ter a presença do professor orientador na Universidade e o professor orientador na concedente.

O Estágio Supervisionado possibilita aos discentes terem olhares de pesquisador no ambiente escolar, direcionando a construírem pesquisas no sentido de compreenderem os movimentos dos sistemas de ensino.

Na pesquisa, verifica-se uma problemática importante de ser debatida nos Departamentos de Geografia nas universidades, sobre a formação dos professores nas concedentes, como visto parece dificultar os movimentos dos estagiários, uma vez que se encontra com frequência professores com outra formação, ensinando Geografia e que se apresentam como orientadores nas escolas.

Portanto, este trabalho além de não ter considerações finais por ser uma pesquisa com verdades provisórias, se torna importante, por apresentar teorias direcionadas ao entendimento do sentido que o estágio supervisionado tem na formação do professor, bem como, na importância que tem o professor orientador nesta construção.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (LDB)**, A nova Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional. Belo Horizonte: APUBH, 1997.

CASTELLAR, Sonia. (Org). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. Movimentos fora da Sala de Aula: O Trabalho de Campo. IN: CASTROGIOVANNI, A. C., TONINI, I. M., KAERCHER, N. A., COSTELLA, R. Z. (ORGS). **Movimentos no Ensinar Geografia: Rompendo Rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

Eixo Temático 1



CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; SILVA, Paulo Roberto Florêncio de Abreu e. As distorções projetivas num pensamento linear no movimento entre a Geografia e a Cartografia no Ensino Escolar. *In*: REGO, Nelson; KOZEL, Salete. **Narrativas geográficas e cartográficas: para viver é preciso espaço e tempo**. v. 1. Porto Alegre: Ed. Compasso e GEOCIÊNCIAS, 2020 a.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; SILVA, Paulo Roberto Florêncio de Abreu e. **A construção do conhecimento cartográfico nas aulas de Geografia**. Goiana: C&A Alfa comunicação, 2020 b.

DEMO, Pedro. **Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. 25 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Paulo Roberto Florêncio de Abreu e. **Cartografando a construção do conhecimento cartográfico no ensino da Geografia**. 2013. 252 pg. Tese Doutorado em Geografia. Programa de pós graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2013.

SILVA, Jorge José A. Letramento Cartográfico em Práticas Artísticas Relacionadas à Geografia. Lisboa: **Anais do XXIX Congresso da AULP** – Associação das Universidades de Línguas Portuguesas, 2019.